

A PEDAGOGIA DO
CORPO MÁQUINA NA
TELA DA TV

THE PEDAGOGY OF THE BODY
MACHINE ON THE TV SCREEN

LA PEDAGOGÍA DEL CUERPO
MÁQUINA EN LA PANTALLA DEL
TELEVISOR

Jeferson Bertolini¹

RESUMO

Este artigo apresenta resultados de pesquisa sobre os recursos pedagógicos usados pelo programa *Bem Estar*, da *Rede Globo*, para ensinar o público a cuidar no corpo. O texto usa análise de conteúdo. Adota o conceito de biopoder para pensar o corpo no âmbito político, não estético. O manuscrito recorre a técnica interdisciplinar para associar temas das Ciências Humanas à Comunicação Social. Conclui que o discurso do *Bem Estar* é compatível com o biopoder porque, por meio de técnicas que educam o público ao corpo máquina, ajuda a construir corpos economicamente ativos.

PALAVRAS-CHAVE: Corpo; TV; Biopoder; Bem Estar

¹ Doutor em Ciências Humanas (UFSC). Mestre em Jornalismo (UFSC). Bacharel em Comunicação Social/Jornalismo (Univali). E-mail: jefersonbertolini@gmail.com.

ABSTRACT

This article presents research results about pedagogical resources used by Rede Globo's program Bem Estar to teach the public how to take care of the body. The text uses content analysis. Adopts the concept of biopower to think the body in the political, not aesthetic. The manuscript uses interdisciplinary technique to associate themes of Education with Social Communication. It concludes that the program's discourse is compatible with biopower because, through techniques that educate the public to the machine body, it helps to build economically active bodies.

KEYWORDS: Body; TV; Biopoder; *Bem Estar*

RESUMEN

Este artículo presenta resultados de investigaciones sobre los recursos pedagógicos utilizados por el programa de bienestar de Rede Globo para enseñar al público cómo cuidar el cuerpo. El texto usa análisis de contenido. Adopta el concepto de biopoder para pensar el cuerpo en lo político, no en lo estético. El manuscrito utiliza técnica interdisciplinaria para asociar temas de las Ciencias Humanas a la Comunicación Social. Concluye que el discurso del Bienestar es compatible con el biopoder porque, por medio de técnicas que educan al público al cuerpo máquina, ayuda a construir cuerpos económicamente activos.

PALABRAS CLAVE: Cuerpo; TV; Biopoder; *Bem Estar*.

Recebido em: 01.06.2019. Aceito em: 09.09.2019. Publicado em: 01.10.2019.

Introdução

Nos últimos anos, a TV brasileira tem apostado em programas que ensinam o público a cuidar do corpo: alerta-se sobre o comer bem e sobre a importância da perda de peso; mostram-se as propriedades de cada alimento; médicos destacam a importância da atividade física etc.

Na perspectiva deste artigo, esses programas educam a uma espécie de corpo máquina. Trata-se de um corpo que pensa o homem como um relógio ou uma máquina programada para comer e se exercitar na medida certa.

Dito em outras palavras, o corpo máquina se apresenta como um mecanismo que pode ser regulado, ajustado, estar sob nosso total domínio. Significa que ao corpo não cabe prazer, vontades. Cabe roteiros, programas, controles que adestram o ser humano.

Este trabalho parte de um ponto de vista crítico, do biopoder (FOUCAULT, 2012), para cogitar a TV como veículo de comunicação usado para “educar” a massa ao corpo máquina.

Biopoder é uma forma de governar a vida. No Ocidente, existe desde o século 17. O objetivo é produzir corpos economicamente ativos. Trata-se de uma estratégia política para *melhorar* os indivíduos de uma população.

A ideia de corpo máquina é compatível com o biopoder porque vê o corpo como algo que pode ser constantemente melhorado. Um marco a esse respeito se dá no século 18, quando o modelo corporal do soldado se converteu em algo que se imita e se fabrica. “De uma massa uniforme fez-se a máquina de que se precisa; corrigiram-se as posturas: lentamente uma coação calculada percorre cada parte do corpo, assenhoreia-se dele, dobra o conjunto, torna-o perpetuamente disponível” (FOUCAULT, 2013, p. 131).

Este estudo usa análise de conteúdo para abordar o programa *Bem Estar*, da *Rede Globo*, o primeiro da TV brasileira sobre saúde e bem-estar. O objetivo é mostrar que o televisivo educa a população ao corpo máquina, como pressupõe o biopoder. “A análise de conteúdo é um conjunto de instrumentos metodológicos que se aplica a discursos extremamente diversificados. Ela absolve e cauciona o investigador pela atração pelo escondido, o latente, o não aparente” (BARDIN, 2010, p. 7).

A técnica de pesquisa foi aplicada em 81 programas *Bem Estar* de 2016. Percebeu-se que o programa costuma comparar o corpo à máquina, sobretudo ao computador. “É preciso dar um salvar para guardar as informações”, diz repórter, ao lado de um computador, em reportagem sobre memória” (06/07, sobre hiperatividade); “Nosso cérebro é parecido com um computador: não adianta só gravar, gravar. De vez em quando é preciso esquecer”, diz médico ao referir-se à importância do sono (06/07); “O cérebro tem que se conectar, fazer sinapses, como um computador”, diz pediatra (22/07, sobre brincar faz bem à saúde).

O discurso do programa está impregnado de termos ligados à máquina: “Você tem que mudar seu software [aponta para a cabeça] para programar seu corpo para aterrissar para frente”, diz médico em reportagem sobre atividade física (14/01, sobre joelho); “O importante é que seja um pé funcional”, diz ortopedista em matéria sobre botas ortopédicas (08/04, sobre esporte).

O corpo é apresentado como algo que pode ser moldado, construído como uma máquina: “Tem que haver uma construção do corpo”, diz médico sobre como preparar o corpo para as atividades físicas (08/04, sobre esporte); “Eu preciso transformar a máquina que é o Fernando numa máquina capaz de queimar uma grande quantidade de gordura”, diz pesquisador da USP que desenvolveu uma dieta e um programa de exercício para ajudar o apresentador

Fernando Rocha a oxidar gordura e emagrecer (01/07, sobre lanches); “Treinar o cérebro é como malhar na academia”, diz repórter em reportagem sobre o funcionamento do cérebro (07/07).

Este artigo não pretende listar frases do programa compatíveis com a ideia de corpo máquina. O que se busca é apontar as “estratégias pedagógicas” do programa para levar a mensagem do corpo máquina à audiência.

O manuscrito está dividido em três sessões a partir da introdução. A primeira apresenta o programa *Bem Estar*. A segunda mostra as “estratégias pedagógicas” do programa. A terceira vê o corpo máquina em contexto histórico.

O texto associa temas da Educação à Comunicação Social por meio de técnica interdisciplinar, usada “sempre que topamos com uma nova disciplina cujo lugar não está traçado no grande mapa dos saberes” (POMBO, 2007, p. 6). Conclui que o discurso do programa *Bem Estar* é compatível com o biopoder porque, por meio de técnicas que educam o público ao corpo máquina, ajuda a construir corpos economicamente ativos.

O programa *Bem Estar*

O programa *Bem Estar* foi o primeiro da TV brasileira a tratar exclusivamente sobre saúde e bem-estar. Foi criado em fevereiro de 2011 pela *Rede Globo*. Até abril de 2019, era apresentado de segunda à sexta-feira, ao vivo, entre 10h e 10h45, com o argumento de “ajudar o público a levar uma vida mais saudável”. Depois dessa data foi transformado em quadro dos programas de entretenimento *Encontro com Fátima Bernardes* (apresentado de segunda à sexta) e *É de Casa* (exibido aos sábados).

Mesmo depois desta transformação o programa manteve o formato de ser apresentado por jornalistas em parceria com médicos consultores (pediatra,

psiquiatra, ginecologista, dermatologista, oftalmologista, cardiologista e ortopedista). Esses médicos participam ao vivo, em sistema de revezamento, de acordo com a pauta.

No estúdio, os consultores agem como se estivessem em seus consultórios: comentam sobre remédios e tratamentos, explicam o funcionamento do corpo, o impacto de determinada doença, comentam sobre políticas públicas de saúde, tiram dúvidas de telespectadores, entre outras atividades.

Em linhas gerais, a atração procura ensinar os segredos da alimentação saudável e a importância da atividade física. Costuma condenar a gordura e incentivar a magreza. Com frequência, promove quadros estilo *reality show* para emagrecer telespectadores.

Em 25 de abril de 2016, ao iniciar um desses quadros, o programa empilhou dezenas de carrinhos de supermercado cheios de café, açúcar e arroz para dimensionar o peso que os selecionados deveriam perder. "Aqui tem meia tonelada de comida", disse o apresentador Fernando Rocha. Os pré-selecionados festejavam como se tivessem ganhado na loteria: "É um presente de Deus que a gente ganhou", disse uma das participantes. "Eu preciso de ajuda", disse outra. "Conto com o voto de vocês para realizar este sonho", disse outra mulher.

Em 29 de abril do mesmo ano, os candidatos foram obrigados a empilhar diante das câmaras sacos acinzentados e volumosos que representavam o peso que gostariam de perder juntos. "Olha o peso que essas pessoas carregam na vida", disse o apresentador. "Eles têm uma doença: são obesos. Têm hábitos errados. Vamos começar tudo isso do zero, reeducar. Aprender a comer, mudar o estilo de vida", disse uma médica convidada. À medida que os candidatos eram eliminados, havia choro no palco. Os eleitos comemoravam. "O Brasil inteiro quer que o seu marido consiga te carregar no colo, quer que você mesma consiga

amarrar seu tênis”, disse o apresentador à candidata mais votada, em alusão aos dois argumentos que havia apresentado ao pedir votos do público. Outra selecionada dizia que sonhava ser capa de revista. Ao lado da sua foto estaria escrito os quilos perdeu e a frase “exemplo de superação”.

O estúdio costuma imitar a sobriedade de um consultório médico, pintado em tom pastel e adornado com livros, maquetes médicas, tubos de ensaio e folhagens discretas. Mas pode reproduzir um ambiente de praia ou de piscina, com espreguiçadeira e guardassol, se o tema for ligado ao verão.

O material usado na composição destes ambientes não costuma ser cenográfico, como em novelas. Assim, a mesa da cozinha tem frutas frescas e potes de castanhas, se o assunto exigir; e os consultores e apresentadores podem se servir. Aliás, é comum vê-los provando algum alimento saudável, como suco de couve ou um talo qualquer.

Em 2017, o *Bem Estar* atingia, segundo a emissora, 5,8 milhões de telespectadores por dia. A audiência era formada por 68% de mulheres e 32% de homens. A maioria era da classe C (47%). Os demais eram das classes A e D (35%) e E (18%). A distribuição do público por faixa etária era: de quatro a 11 anos (4%), de 12 a 17 (6%), de 18 a 24 (7%), de 25 a 49 (42%), maiores de 50 (41%).

O surgimento do *Bem Estar* deu após o sucesso de quadros sobre saúde lançados pela *Rede Globo* em outros programas jornalísticos da emissora. O mais notório deles foi a participação do médico Drauzio Varella no *Fantástico*, a partir do ano 2000, quando ele apresentou a série *Viagem ao corpo humano*. A aceitação foi tamanha que outras séries vieram na sequência, como *E Agora Doutor*, na qual o médico esclarecia dúvidas em relação à saúde, e *Questão de Peso*, sobre pessoas que têm compulsão por comer. Varella também apresentou quadros sobre fumantes, mulheres grávidas, funcionamento do cérebro e

planejamento familiar. A série mais recente, apresentada em 2016, foi sobre menopausa.

As “estratégias pedagógicas” da mensagem

Para levar a mensagem em favor da vida ao público, o *Bem Estar* vale-se de uma série de ferramentas jornalísticas. As mais usadas são as reportagens gravadas, construídas a partir da fala de especialistas (geralmente médicos) e personagens (pessoas comuns, que tratam determinada doença, por exemplo).

Na tentativa de fazer a mensagem ser assimilada pela audiência, o programa usa três estratégias, que resolvemos chamar de recursos pedagógicos. Trata-se de (1) recursos metafóricos, (2) recursos didáticos e (3) recursos de signos (imagens em anexo).

Os (1) recursos metafóricos usam elementos cotidianos, como comida, e se baseiam essencialmente na comparação. Como exemplos podem ser citados os programas de 05/01/2016 (sobre comida de praia), no qual foram usados apetitosos camarões fritos, em tom avermelhado, para mostrar como fica a pele de quem pega sol sem se proteger; e o programa de 27/04 (sobre rosácea), no qual se usou hambúrguer de carne crua, quase sangrando, para mostrar como pode ficar a pele exposta ao sol sem proteção.

Outros elementos cotidianos aparecem como recursos metafóricos. Em 04/01 (sobre metas de Ano Novo), foram usadas folhagens para dizer que “as mudanças [para uma vida saudável] devem ser como árvore: crescer aos poucos”. Em 05/01 (sobre comida de praia) foi utilizado um taxímetro para dizer que, com o passar do tempo, a pele exposta ao sol acumula rugas, manchas e câncer (tal qual uma corrida de táxi, que gradativamente fica mais cara).

Na maioria das vezes, o recurso metafórico tem apelo educativo: o programa de 13/01 (sobre zika) usou a metáfora do iceberg para explicar o que se sabe sobre a doença até o momento (só uma pontinha, representada pela parte exposta do gelo) enquanto “ainda há muito que se descobrir” (representada pela parte submersa do gelo); o programa de 28/07 (sobre gordura) usou um pódio olímpico para classificar a gordura: no topo, a gordura boa (azeite de oliva e óleo de canola); no meio, a gordura animal (manteiga, queijo e leite); em último lugar, fora dos degraus, a gordura trans (biscoito e pão), que chamaram de “gordura abaixo do limite do aceitável”.

Em muitos casos, o recurso metafórico tem forte apelo figurativo, em tom de alarmismo. Em 22/01 (sobre churrasco), foram usados dois saleiros: um em forma de anjo, para o sal grosso, considerado menos prejudicial à saúde; outro em forma de diabo, pintado em vermelho, com cofres pretos, para o sal fino, considerado nocivo à saúde. Em 21/04 (sobre colesterol), foi usada uma massa de pão capaz de provocar asco no telespectador para mostrar “como o colesterol gruda em suas artérias”. Algo parecido foi usado em 01/07 (sobre lanches) para representar a gordura em nosso corpo, ao mesmo tempo em que era apresentado um corte durinho de carne vermelha para representar o músculo, que pode ser conquistado mediante alimentação saudável e atividade física. A mensagem era: troque gordura por músculo. Em 11/01 (sobre cirurgia plástica), o médico convidado extraiu da barriga do boneco deitado sobre uma maca uma pasta amarela asquerosa que representava a gordura abdominal, alvo frequente de críticas por elevar o risco de doenças do coração.

Há, também, recursos metafóricos que se apresentam em tom de brincadeira. Exemplo disso ocorreu no programa de 29/01 (sobre atividade física). As doenças provocadas pelo sedentarismo (pressão alta, obesidade, diabetes, insônia) foram representadas por caixas de remédios, como se fossem pinos de

boliche. A atividade física, capaz de combater estes males, foi representada por uma bola de boliche, que derruba as doenças como em um strike. Apresentadores e convidados se divertiram lançando a bola para tentar um strike ao vivo.

Os recursos metafóricos facilitam a compreensão daquilo que nos rodeia, sobretudo entre pessoas com pouca instrução, como é o caso do programa. "A base psicológica da metáfora é o conhecimento de uma coisa em termos de outra" (FEARING, 1978, p. 66). Eles funcionam como uma conexão que nos permite construir uma explicação e ordenar o sentido diante de algo que nos resulta novo. Trata-se de "potentes agentes modeladores da percepção, pensamento e ações cotidianas presentes em todos os sistemas semióticos que, quando conseguem articular e dar coerência a uma orientação discursiva, se constituem em eficazes dispositivos retóricos de persuasão" (FORD, 1994, p. 43, apud FEARING, 1978, p. 78).

Um exemplo clássico de recurso metafórico é a chamada metáfora instrumental. Foi utilizada em escala mundial, em 1984, com o lançamento do McIntosh, para aproximar pessoas comuns da até então complicada linguagem de computador. Esta metáfora adotou ícones de escritório, como pasta, lixeira e mesa de trabalho, para tornar a computação algo mais intuitivo, capaz de ser usada por sujeitos comuns, e não apenas por quem entendia de programação. Tornou-se referência porque há uma "inadequação das palavras em transmitir informação visual" (MCLUHAN, 2007, p. 182).

O uso da metáfora é comum desde o mundo grego. Platão, em *A República*, criou um modelo organicista à sua cidade ideal, distinguindo e separando a cabeça (o filósofo rei) do ventre (os agricultores) e dos pés (os guardas).

Na Idade Média, usou-se a metáfora do corpo para designar uma instituição: a Igreja, como comunidade de fiéis, foi vista como um corpo do qual Cristo era a cabeça. “As cidades, sobretudo através do impulso das conjurações e das comunidades urbanas, tendem a formar igualmente um corpo místico. As universidades funcionam como verdadeiros corpos de prestígio” (LE GOFF; TRUONG, 2006).

Outro exemplo clássico de metáfora está no pensamento político de Thomas Hobbes (1588-1679). O inglês criou o Leviatã (1651), simbolizado pelo corpo de um monstro gigante, para se referir ao soberano formado pelo corpo da multidão.

Os (2) recursos didáticos ajudam a explicar o funcionamento do corpo. Os três mais usados são *infográficos*, *maquetes médicas* e *comida de verdade*.

Os *infográficos* costumam ser apresentados em um telão no estúdio e ser explicados pelo especialista convidado. Ora adotam o grafismo estático visto em jornais impressos. Ora o efeito movimento visto em sites. De exemplo podem ser citados o que explica a pressão no nariz durante o voo de avião (07/01, sobre viagem); o que mostra o processo por meio do qual vomitamos (12/01, sobre conservantes dos alimentos); e o que indica como fica a cabeça na hora da raiva (07/04, sobre violência verbal).

As *maquetes médicas* reproduzem uma parte do corpo, como boca ou coluna, em tamanho natural. São manipuladas pelo médico convidado, como ocorre em um consultório. Elas mostram o corpo em detalhes, com suas cores e proporções. Ajudam o público a entender onde se aloja o vírus, onde os dentes devem se encaixar, o interior do olho, as duas metades do cérebro, a articulação do ombro, o esqueleto como um todo etc. De exemplos podem ser citadas as maquetes sobre o funcionamento do joelho (14/01, sobre joelho) e sobre os lóbulos e outros componentes do cérebro humano (20/01, sobre dor de cabeça).

A *comida* é usada para abordar temas que tratam da relação entre saúde e alimentação. Mais que didático, este é um recurso que abre o apetite e convida o público a repensar seus hábitos alimentares pela explosão de cores e formatos dos alimentos à mesa: pães escuros, sementes, cestas de frutas, jarras orvalhadas de suco, verde para todos os lados. De exemplos podem ser citados o programa de 18/01 (sobre comer à noite), quando foram exibidos pratos apetitosos do que “deve ser comido” (salada, pão integral, queijo branco) e do que “deve ser evitado” (açúcar e pão branco) e o programa de 21/01 (sobre comida de praia), com placas “preferir” (para pastel frito, milho sem manteiga) e “evitar” (para limão, queijo coalho, batidas com leite).

Os (3) recursos de signos parecem implícitos. Estão ligados, por exemplo, à vestimenta dos convidados, ao corpo deles e ao estúdio do programa.

O jaleco branco é a vestimenta básica de todos os entrevistados ao vivo. É usada por médicos e por outros especialistas consultados, como biólogos e pesquisadores. Ou seja, a roupa que se costuma relacionar à autoridade médica e à higiene é usada para vestir, com o mesmo simbolismo, outros profissionais.

O corpo dos especialistas convidados também carrega mensagem, e eles se portam de acordo com o que dizem. Assim, não há consultores gordos. Dermatologistas convidados têm a pele alva. Repórteres também aparecem como pessoas que praticam atividades físicas, com corpos saudáveis. O apresentador Fernando Rocha, que era gordo, o que destoava da ideia de corpo saudável, se submeteu a programa de emagrecimento.

O estúdio também é carregado de simbologia. Há nele objetos como ampulhetas quando o assunto tem um quê de científico. E muitos livros para quando se fala em conhecimento. Às vezes ele se limita a ambientar o telespectador. Em 21/01 (sobre comida de praia), o estúdio tinha visual de praia, com boias e cadeiras de praia. O mesmo ocorreu em 05/01 (sobre benefícios da

água de coco), no qual foi montado um ambiente bem tropical e litorâneo, com mar e areia. O estúdio também se apoia em elementos humanos. Em 08/01 (sobre dança), oito bailarinos ficaram dançando no estúdio. As mulheres tinham corpo rijo e magro. Os homens tinham corpo rijo e forte. Todos sorrindo.

Em abordagem clássica, signo é “algo que, para alguém, equivale a alguma coisa, sob um aspecto ou capacidade” (PEIRCE, 1980, p. 10). Ou seja, as ideias ou pensamentos implicam um objeto para interpretação, um interprete do objeto e a interpretação propriamente dita. Para este autor, não é possível qualquer ato de cognição que não seja determinado por uma outra cognição prévia, na medida em que todo pensamento implica a interpretação ou representação de alguma coisa por outra. A interpretação só pode se realizar através do signo.

Na obra peirceana, os signos podem ser divididos em três espécies principais: ícones, índices e símbolos. O ícone é um tipo de signo em que significado e significante apresentam uma semelhança de fato (exemplo: desenho de um animal; o desenho significa o animal simplesmente porque se parece com ele). O índice é um signo que não se assemelha ao objeto significado, mas o indica casualmente (exemplos: um furo de bala é o índice de um tiro; a fumaça é um índice do fogo). O símbolo depende da adoção de uma regra de uso (exemplo: as bandeiras constituem símbolos das nações; entre as bandeiras e as nações não há qualquer relação causal necessária, trata-se apenas de convenção).

Santaella (2008, p. 6) diz que “a semiótica não é uma chave que abre para nós milagrosamente as portas de processos de signos cuja teoria e prática desconhecemos”. Ela funciona “como um mapa lógico que traça as linhas dos diferentes aspectos através dos quais uma análise deve ser conduzida, mas não nos traz conhecimento específico da história, teoria e prática de um determinado processo de signos”.

O corpo máquina

Em termos históricos, a ideia de um corpo que deve ser melhorado pode ter raiz na Idade Média, quando a humanidade se via frágil perante males que assombravam a população. “A Idade Média foi marcada por muitas doenças, como a peste e a lepra. Isso levou à ideia de homem frágil perante a natureza” (LE GOFF; TRUONG, 2006, p. 105).

Atualmente, o desenvolvimento de tratamentos e de máquinas médicas capazes até de substituir um órgão humano levam a crer que o homem moderno é capaz de superar quase todo tipo de mal. “O século 20 conheceu um salto sem precedente na utilização de máquinas automáticas que servem para compensar a falência de funções isoladas do corpo, quer se trate somente de passar por uma etapa difícil, como hemodiálise, ou de conviver bem com a doença” (MOULIN, 2009, p. 39).

Na filosofia, a ideia de corpo máquina nasce em Descartes (1506-1650). Ele via o corpo como um mecanismo operado com base nas leis da mecânica. “Vemos relógios, fontes artificiais, moinhos e outras máquinas semelhantes, as quais, mesmo sendo feitas por homens, têm o poder de se mover sozinhas de diversas maneiras” (DESCARTES, 1989, p. 50).

Descartes via uma separação entre corpo e mente, entre matéria e espírito. O calor e o movimento dos membros provêm do corpo, enquanto os pensamentos vêm da alma; a morte não ocorre por culpa da alma, mas porque algumas das principais partes do corpo se deterioram. “Julguemos que o corpo de um homem vivo difere daquele de um morto como um relógio, ou outro autômato, quando está montado e tem em si o princípio corporal dos movimentos para os quais foi construído, com tudo o que se exige para sua ação,

distingue-se do mesmo relógio, ou de outra máquina, quando está quebrado e o princípio de seu movimento para de atuar” (DESCARTES, 1999, p. 108).

Atualmente, a eficiência do corpo se insere na ideia de bem estar social surgida depois dos anos 1960, a reboque de movimentos como a revolução sexual, que contribuíram com um novo imaginário sobre o corpo. À luz da mídia, o homem descobre que tem um corpo e passa a cuidar dele como nunca. “Se cuida do corpo como se se tratasse de uma máquina da qual se precisa obter um rendimento ótimo. O corpo parece um objeto que deve ser admirado, um sócio com o qual é preciso conciliar os valores, um motor que se deve manter todas as peças em condições para que o conjunto funcione bem” (LE BRETON, 2006, p. 159).

Na perspectiva deste autor, há dois caminhos que dão conta das opiniões da modernidade sobre o corpo. De um lado, a suspeita e a eliminação, a causa do débil rendimento informativo, da fragilidade, da falta de resistência: o corpo é a parte maldita da condição humana, parte que a técnica e a ciência se afanam por remodelar, recriar, voltar com o material para, de alguma forma, livrar o homem de sua prisão carnal. De outro, como uma maneira de resistência, aparece a salvação por meio do corpo, através do qual se experimenta, de sua aparência, da busca da melhor sedução possível, da obsessão pela forma, pelo bem estar, da preocupação em manter-se jovem.

Em outra frente, a eficiência do corpo se ampara na tecnologia, por meio do qual o homem se sente capaz de superar a natureza: se a natureza estabelece uma data limite para o corpo, busca-se superá-la; se restringe as potencialidades do corpo, busca-se superá-la.

A tentativa de superação da natureza é uma característica nata da humanidade. Afinal, podemos provocar calor se está frio, inventar avião se não temos asas, fabricar carro para se locomover mais rapidamente e até implantar

um coração artificial para substituir o de oferecido pela natureza. Isso ocorre porque “o homem sempre buscou assegurar a satisfação das necessidades com o menor esforço possível” (ORTEGA Y GASSET, 1933, p. 36).

Ao longo da história, há pelo menos três épocas marcantes que mostram como o homem foi se aproximando da ideia de natureza como algo que pode ser superado: o mundo grego (não havia um criador, pois a natureza era o princípio de tudo que surgia e desaparecia), a Idade Média (forte tradição bíblica e a ideia de criação divina) e Idade Moderna (surgem os conflitos com a ciência por causa da experimentação e da tentativa de dominação do mundo natural). “Atualmente está em curso um processo que afasta o homem da condição de integrante da natureza a ponto de lhe fazer acreditar que pode viver fora dela” (KESSLERLING, 1992, p.44).

A tecnologia sempre exerceu fascínio na humanidade porque sempre ajudou a viver (ao proporcionar algum conforto, como o fogo para enfrentar o frio nas cavernas) ou a causar a morte (como pontas de lança cada vez mais afiadas para se defender do inimigo). No jogo entre vida e morte, o homem se sente forte para recriar a natureza. “A tecnologia está no sangue do homem moderno, mais do que simplesmente a sua volta, porque até as vitaminas dadas às mulheres com dificuldade para amamentar seus bebês são produtos tecnológicos” (GEHLEN, 1993, p. 122).

Neste sentido, vê-se que as novas tecnologias, sobretudo aquelas que penetram o corpo, contribuem com um corpo eficiente. “Até há pouco tempo, era só sua aparência, seus gestos e comportamentos que podiam ser, até certo ponto, mudados. Os remédios ingeridos e as operações cirúrgicas realizadas visavam apenas recompor o estado supostamente natural do corpo. Hoje, entretanto, as técnicas penetram no interior do corpo não apenas reparar funções

normais, mas também ampliá-las, estimulá-las, transformá-las ou mesmo criar novas funções” (BRUNO, 1999, p. 104, apud SANTAELLA, 2004, p. 29).

Visto por este ângulo, parece aceitável a ideia segundo a qual a sobrevivência (ou o melhoramento) da espécie humana depende cada vez mais da tecnologia, sobretudo por ela possibilitar a recriação da vida (SEVERINO, 1929). Mas é bom lembrar que a humanidade vira refém da técnica quando a considera como algo neutro e incapaz de mudar a essência humana (HEIDEGGER, 1997).

Em uma visão anticapitalista, pode-se dizer que a busca pelo corpo eficiente, ou eufemismos como corpo saudável, oculta interesses econômicos. “É preciso descobrir que por trás da busca de um corpo bonito e saudável estão presentes os interesses de um sistema adoecido, neurótico e neurotizante, cuja meta é sempre o lucro a qualquer custo. E o que é pior, o lucro para alguns poucos ao preço da alienação de todos” (MEDINA, 1987, p. 22).

Por este ângulo, o corpo é visto como objeto de produção ou de consumo. “O corpo não pode ser apenas uma máquina, como entende o nosso modelo biomédico, cujo mau funcionamento é visto como uma avaria em um mecanismo específico que tem que ser reparado por meios físicos ou químicos (...). O corpo é o próprio homem, e como tal não pode ser só um objeto, mas sim o sujeito e o criador da história” (MEDINA, 1987, p. 24).

Conclusão

O corpo destacado no programa *Bem Estar* parece ser pensado como algo que pode ser constantemente melhorado e aperfeiçoado; algo que se fabrica, que pode ser programado para render mais e que não pode falhar.

Em termos de biopoder, o corpo eficiente parece se converter no instrumento por meio do qual se pode extrair maior desempenho e mais produtividade de cada indivíduo da população. Dito de outra forma, parece conduzir a um tipo de corpo melhorado.

A ideia de corpo máquina remete, inicialmente, ao poder disciplinar. “De uma massa informe, de um corpo inapto, fez-se a máquina de que se precisa; corrigiram-se as posturas: lentamente uma coação calculada percorre cada parte do corpo, assenhoreia-se dele, dobra o conjunto, torna-o perpetuamente disponível; foi expulso o camponês e lhe foi dada a fisionomia de soldado” (FOUCAULT, 2013, p. 131).

Mas, com algum exercício de imaginação, o corpo máquina também pode ser visto pelo viés biopolítico da guerra, que busca corpos melhorados, para compor uma raça melhorada, como sugere a ideia de racismo de Estado. O racismo de Estado é um “racismo que uma sociedade vai exercer sobre ela mesma, sobre seus próprios elementos, sobre os seus próprios produtos, um racismo interno, o da purificação permanente, que será uma das dimensões fundamentais da normalização social” (FOUCAULT, 2010, p. 52).

Com o racismo de Estado, a guerra não ocorre entre duas raças; se dá a partir de uma raça dada como sendo a verdadeira e a única, a que detém o poder e a norma, contra aqueles que constituem um perigo ao patrimônio biológico. O discurso, que era “temos que nos defender contra a sociedade”, é substituído por “temos que defender a sociedade contra todos os perigos biológicos dessa outra raça, dessa sub-raça, que nós estamos constituindo, malgrado gosto” (FOUCAULT, 2010, p. 53).

Neste contexto, o Estado não é mais o instrumento de repressão de uma raça contra a outra, mas o promotor da superioridade e da pureza da raça. Para isso deve garantir a integridade social, levando, a outro espaço, o anormal: no

caso em questão, o anormal seria o indivíduo de corpo frágil, sedentário, obeso, improdutivo, alheio às correções, fora da curva de eficiência. A mídia, instrumentalizada pelo Estado ou não, parece capaz de disseminar o modelo de corpo eficiente.

Referências bibliográficas

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2010

DESCARTES, René. **Tratado del hombre**; tradução de Guillermo Quintas. Madri: Editora Nacional, 1989

FEARING, Franklin. **A comunicação humana**. In: COHN, Gabriel. Comunicação e indústria cultural. 4. ed. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1978

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**; tradução de Maria Thereza da Costa e J. A. Guilhon Albuquerque. 22. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2012

_____. **Vigiar e punir: história da violência nas prisões**; tradução de Raquel Ramallete. 41. ed. Petrópolis: Vozes, 2013

_____. **Em Defesa da Sociedade**. 2 ed; tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2010

GEHLEN, Arnold. **Antropologia filosófica: del encuentro del hombre por si mismo**. Barcelona: Ediciones Paidós, 1993

HEIDEGGER, Martin. **A questão da técnica**. São Paulo: USP, 1997

KESSERLING, Thomas. *O conceito de natureza na história do pensamento ocidental*. *Ciência e Ambiente*. Santa Maria: UFSM, 1992

LE BRETON, David. *A sociologia do corpo*. 2. ed; tradução de Sônia Fuhrmann. Petrópolis: Vozes, 2006

LE GOFF, Jacques; TRUONG, Nicolas. *Uma história do corpo na Idade Média*; tradução de Marcos Flaminio Peres. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006

MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Editora Cultrix, 2007

MEDINA, João Paulo Subirá. *O brasileiro e seu corpo: educação e política do corpo*. Campinas: Papyrus, 1987

MOULIN, Anne Marie. *O corpo diante da medicina*. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. *História do corpo: as mutações do olhar; o século XX*; tradução de Ephraim Ferreira Alves; 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2009

ORTEGA Y GASSET, José. *Meditação da técnica*, s.l., 1933

PEIRCE, Charles Sanders. *Escritos coligidos*; tradução de Armando Mora D'Oliveira e Sérgio Pomerangblum; 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1980

POMBO, Olga. *Epistemologia da Interdisciplinaridade*. Conferência proferida no Colóquio Interdisciplinaridade, Humanismo e Universidade, promovida pela Cátedra Humanismo Latino, Porto, 2007

SANTAELLA, Lúcia. *Corpo e comunicação: sintoma da cultura*. São Paulo: Paulus, 2004



revista
Observatório

ISSN nº 2447-4266

Vol. 5, n. 6, Outubro-Dezembro. 2019

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2019v5n6p912>

_____. **Semiótica aplicada**. São Paulo: Cengage Learning, 2008

SEVERINO, Emanuele. **Horizonte ético para o nosso tempo**, s.l., 1929